

## **Estudantes de hoje – quem somos?**

Este texto, elaborado pela Equipa Nacional do Movimento Católico de Estudantes, a partir do que foi sendo discutido pelos militantes do Movimento e por uma recolha documental alargada, pretende espelhar a reflexão que tivemos na II Reunião da Equipa Nacional, no sentido de caracterizar os estudantes de hoje.

Quando se pretende fazer uma abordagem deste género há que ter em conta que uma das características fundamentais desses mesmos estudantes é, precisamente, a diversidade. Os estudantes estão longe de formar uma massa homogénea: têm culturas e necessidades bastante diferentes e as expectativas relativamente ao presente e ao futuro são as mais diversificadas.

Esta constatação deve estar presente ao longo do documento, por forma a evitar análises simplistas. De facto, qualquer análise que possamos fazer do meio estudantil é sempre incompleta e estará longe de ser exaustiva. O que pretendemos é encontrar alguns pontos que marcam o meio estudantil que são para nós sinais e exigências.

Um outro tópico a ter em conta é que para caracterizar os estudantes não basta olhar para a forma como estão na escola ou no estabelecimento de ensino superior. Cada vez mais o meio estudantil atravessa todos os espaços onde estão e se relacionam; cada vez mais os locais de aprendizagem se encontram diversificados e se localizam também fora das instituições formais de ensino – cada vez mais a educação não tem lugar num tempo e espaço bem definidos.

### **Jovens e estudantes – algumas constatações relevantes**

Começar por dizer que a juventude representa cerca de 24% da população. A nível escolar, o país está em aproximação aos valores médios europeus, embora se encontre ainda bastante distanciado dos mesmos. O analfabetismo juvenil erradicou-se em larga escala e a escolaridade obrigatória alargou-se. Apesar disso existe ainda um nível muito alto de iliteracia e persiste o abandono escolar precoce. Nota-se um aumento dos percursos escolares, devido à complexificação de funções e elevação dos níveis de qualificação. O ensino profissional é uma via pouco escolhida.

Quais os interesses, os *hobbies* dos estudantes? É complicado definir um perfil único. No entanto, pode-se dizer que a escola e o estudo ocupam grande parte das suas vidas, muitas vezes não sobrando tempo para outras coisas. Será este um problema de sobrecarga horária ou má gestão do tempo? Hoje, os principais extras fora de horas escolares residem mais no desporto, nas saídas nocturnas, nos computadores e na internet, na música e menos nos hábitos de leitura e na participação associativa.

De facto, segundo dados da Secretaria de Estado da Juventude, o número de jovens oficialmente integrados em associações não ultrapassa os 20%, em comparação com os cerca de 50% que, a nível europeu, fazem parte de uma organização, quer seja política, religiosa, social, cultural, artística ou desportiva. Contudo, apenas um número pouco significativo pertence a um sindicato ou partido, a movimentos de defesa dos direitos humanos ou a associações de consumidores. Será que se trata de

um desinteresse relativamente à realidade social ou será um sentimento de falta de valores comunitários?

Apesar deste panorama algo assustador, pelo menos no que diz respeito ao nosso país, constatamos que as associações juvenis não só formam os jovens para uma postura mais crítica e participativa como, ao mesmo tempo, ajudam a criar uma sociedade mais solidária, justa e plural.

Ao nível da prática religiosa, cerca de metade dos jovens declaram-se católicos não praticantes. As transferências de posição religiosa orientam-se mais para a ausência de prática do que para a indiferença, ateísmo ou agnosticismo. Que desafios nos deixa que um número tão significativo diga acreditar em Deus mas se afaste da Igreja?

### **Os estudantes e a sua formação**

Um dos elementos que caracteriza os jovens reside no elevado número dos que apostam em trajetórias escolares prolongadas, nomeadamente de nível pós-secundário. Isto sucede porque é no percurso escolar que grande parte das pessoas tem investido para alterar a sua situação social.

Num outro ângulo de análise, é preocupante constatar que, relativamente à sua própria formação, os estudantes têm uma visível dificuldade em perceber o seu lugar em todo o processo de participação e as exigências que se lhes coloca o sistema curricular. Demonstram algum desconhecimento relativamente à organização dos estabelecimentos escolares e do ensino superior e às alterações curriculares, não valorizam a sua participação nos destinos escolares, nem sempre se sabem organizar da melhor forma para defenderem os seus direitos, e nem sempre se sabem mover em espaços novos, em contextos novos, em situações diferentes com exigências a que não estão habituados. Percebemos ainda que a necessidade de esforço para a resolução situações nem sempre é entendida. Como conciliar o “prazer de aprender” com a aprendizagem e valorização do esforço?

Parece-nos que podemos dizer que, de forma geral, os estudantes têm consciência da importância da educação na melhoria das suas condições de vida. No entanto, será que esses mesmos estudantes são críticos relativamente à qualidade da educação que recebem? Será que o próprio sistema educativo educa os alunos para essas competências que não demonstram ter?

Ao nível do ensino superior, a expectativa predominante é que a universidade ou escola de ensino superior formem para a entrada no mercado de trabalho, para uma profissão. Nota-se aqui uma certa “instrumentalização do saber”. Já não se olha a universidade como um local de aquisição de cultura, de debate abrangente, de reflexão sobre a esfera social e política, como aconteceu noutros tempos. No entanto, há que referir que nesses outros tempos quem frequentava a universidade era uma pequena elite. Hoje caminhamos para uma relativa massificação do ensino superior. Desta forma, como repensar a universidade, de forma a que não seja vista meramente como um caminho a percorrer para a entrada no mercado de trabalho, mas onde se possa ter em conta uma vertente de formação cultural e humana?

Tendo em conta o alargamento dos percursos de formação, que começam no pré-escolar e terminam, grande parte das vezes, em pós-graduações, mestrados ou doutoramentos, é necessário analisar esta nova condição de estudante, nomeadamente formação pós-licenciatura. Como lidar com ela?

A um outro nível, os fenómenos da globalização, a crescente mobilidade transnacional que se verifica ao nível do ensino e o acesso facilitado à informação, nomeadamente através da internet, possibilitam aos estudantes o contacto com outras culturas.

Importa agora perceber quais são os contributos destes diferentes modos de “mobilidade” na formação dos jovens. A principal contribuição é, sem dúvida, a aquisição de novas aptidões interculturais, porque a compreensão intercultural assume um papel cada vez mais importante no novo contexto em que vivemos, de uma economia global e de uma sociedade com tão grande diversidade de culturas. O desenvolvimento destas novas e melhores qualificações pode mesmo ser considerado um importante instrumento de combate ao desemprego juvenil, visto que este tipo de aptidões é cada vez mais valorizado pelos empregadores.

Contudo, o número de pessoas que aproveitam as potencialidades da mobilidade continua muito aquém do desejado. Apesar da mobilidade ser um direito expresso pela comunidade europeia, a existência de obstáculos de diversa ordem, faz com que a mobilidade constitua uma oportunidade só para alguns. Existe má distribuição de recursos, obstáculos sociais e culturais assim como legais, administrativos e financeiros, barreiras informativas e educativas e falta de reconhecimento do valor da mobilidade e das aptidões que desenvolve.

### **Pistas para o futuro**

Em sequência da análise efectuada e das interpelações levantadas parece-nos essencial olhar para o que há a fazer no futuro a partir de dois eixos principais:

- (i) É necessário pensar qual a filosofia que está por detrás do ensino que temos. Afinal, o que queremos privilegiar: um ensino que aposta na formação “técnica” de futuros profissionais que se encaixam facilmente na engrenagem do sistema? Um ensino que conjugue todas as vertentes de formação do indivíduo atribuindo a todas o mesmo nível de importância? Detectamos algumas “falhas” na formação dos estudantes, a que o sistema actual não consegue responder. Parece-nos que desta filosofia de ensino deve fazer parte uma grande cooperação e colaboração entre as diferentes instituições e associações que poderão contribuir para a formação integral dos estudantes. A escola não dá todas as respostas.
- (ii) O primeiro tópico de reflexão situa-se num plano mais estrutural e de mudança a longo prazo. Importa também pensar o que nós, desde já, podemos fazer. Como incentivar outros estudantes na escola? Como mostrar aos estudantes que a resposta a diversos problemas também passa por eles? Como fazer os estudantes despertar para as preocupações sociais e políticas? Neste campo, não só nós individualmente, como as associações juvenis como um todo deverão pensar a forma de se aproximarem e de se darem a conhecer a mais jovens, por forma a poderem constituir-se como um veículo importante para a sua formação.

**Equipa Nacional do Movimento Católico de Estudantes  
Almada, 4 de Março de 2001**